



## MANIFESTO DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA PROLETÁRIA (OPP)

Desde que nasceu, o desenvolvimento normal do capitalismo deixa um rastro de horrores para a maioria da população. Morte, guerras, fome, miséria, doenças e sofrimentos de todo tipo ao mesmo tempo em que uma minoria entre a minoria de exploradores possui muito mais do que necessita e, não satisfeitos em terem assegurada uma materialidade confortável por gerações, vivem no luxo, no supérfluo e no desperdício. Exatamente por essa sua característica tão radicalmente contraditória que a luta pela substituição do capitalismo sempre está na ordem do dia. As crises fazem parte desse desenvolvimento normal do capitalismo, ou seja, enquanto essa sociedade existir, ela será sacudida por crises mais ou menos profundas. Contudo, essas duas características do capitalismo – desenvolvimento destrutivo e regularidade de crises - são interpretadas pela maioria das organizações que se reivindicam de “esquerda” de uma forma que consideramos equivocada e, por vezes, reacionária.

Por um lado, o desenvolvimento do capitalismo é enfrentado de forma reacionária. Seja pela via do saudosismo de uma volta a idílicas – na realidade nada tinham de idílicas – sociabilidades e formas de produção pré-capitalistas ultrapassadas, seja pelo culto de um operariado fordista que se tornou permanentemente minoritário no interior do proletariado, seja atribuindo poder transformador a classes e camadas sociais conservadoras (camadas médias, camponeses, pequenos capitalistas), seja ainda simplesmente tentando fazer parar a roda da história com políticas defensivas que são usadas como argumento de ocasião para nunca se preparar para os momentos em que será preciso lançar ações ofensivas.

Por outro lado, as crises são descritas de forma apocalíptica e/ou fatalista como se tivessem o poder de fazer surgir outra sociedade, quando sabemos que a negatividade da destruição não se confunde com a positividade da construção. São duas necessidades fundamentais e incontornáveis, porém distintas e complementares. Que fique bem claro que é impossível fazer nascer uma sociedade superior à existente fora de conjunturas de crise do capitalismo. Mas as crises devem ser entendidas como janelas de oportunidades e possibilidades que se abrem e se fecham se o proletariado não estiver organizado em suas próprias instituições e não for capaz de realizar ações firmes e decididas na luta de classes contra os exploradores. Não adianta atribuir à barbárie algo que ela não pode produzir. Isso ajuda a explicar porque inúmeras crises terminam sem dar lugar a revoluções sociais vitoriosas.

Embora seja verdade que quanto mais se desenvolve o capitalismo, mais se ampliam as condições potenciais para sua superação – aumento da proletarização, aprofundamento do caráter social da produção da vida – é igualmente verdade que esse mesmo desenvolvimento engendra forças capazes de prolongar por tempo indeterminado esse desfecho e adiar o futuro – constantes incrementos tecnológicos, mobilidade social, ascensão dos gestores em detrimento dos burgueses.

O objetivo que fornece sentido à existência da OPP não é se colocar na vanguarda dirigente em substituição ao conjunto do proletariado quando acontecem lutas. Essa ideia já foi suficientemente derrotada na prática por organizações orientadas por essa perspectiva. É contribuir com o esforço de quem deseja auxiliar o proletariado a derrotar o capitalismo nos dias atuais, oferecendo uma forma organizacional e funcional alternativa.

Desde o final da década de 1970, com as suas últimas grandes derrotas internacionais, que o proletariado é o grande ausente na cena pública da política. É preciso deixar claro o que entendemos por “cena pública da política”. Não se trata de ter candidaturas proletárias disputando eleições, proletários em postos governamentais ou partidos que se dizem proletários tentando conquistar posições no aparelho de Estado (parlamentos, executivos e judiciário). Não se trata da política feita a partir do Estado, mas a partir de situações reais, baseadas na capacidade das pessoas, no que elas pensam e no que estão dispostas a fazer com o que pensam. Esta política precisa adquirir força e se transformar em poder, ou seja, em condição de transformar profundamente a realidade em favor dos explorados. Este poder – que já foi ensaiado muitas vezes em várias regiões do planeta ao longo do século vinte – é o poder da política contra o poder do Estado. Esta política é sempre coletiva e organizada.

As políticas feitas do ponto de vista do Estado e das demais instituições (igrejas, ONGs, sindicatos, entidades estudantis, associações de moradores) são majoritariamente organizadas em partidos – não importa o nome que adotem – pois os partidos são instituições necessárias para conduzir campanhas eleitorais, para conquistar e negociar lugares de poder nos governos, ou no Estado, para construir alianças, inclusive na oposição. Os dominantes divulgam a ideia que o único momento em que as pessoas realmente participam da política é quando são eleitas para algum cargo estatal. As pessoas são, no máximo, consultadas aqui e ali, especialmente em tempo de eleições, mas lhes é negada a decisão, porque lhes é negado o pensamento político e, portanto, a capacidade política. Esta capacidade só é concedida às mulheres e homens dos partidos, aos políticos profissionais. Esta política afasta a esmagadora maioria das pessoas de qualquer decisão coletiva sobre sua própria vida pública.

A OPP considera que recolocar o proletariado na cena pública da política é uma das tarefas mais importantes e que justifica nossos maiores esforços, pois ela significa que o proletariado intervém na luta de classes de modo independente e autônomo, organizado em instituições que ele mesmo criou e constrói, em prol de suas reivindicações específicas (sem renunciar a elas por meio de pactos e frentes com outras classes) e impõe com seu movimento as pautas da vida pública, os temas a discutir e deliberar, fazendo com que as demais classes sociais tenham que se posicionar e sejam forçadas a considerar os interesses proletários.

## ASPECTOS HISTÓRICOS

É fundamental aprender com a história, para evitar cometer erros velhos e para chegar no futuro de forma consciente. Isto significa estudar os sucessos e os fracassos das organizações revolucionárias do passado, as situações que enfrentaram, os processos radicais de transformação social que foram iniciados e derrotados.

Mas não se trata de um estudo diletante, e sim para que consigamos lutar melhor pela emancipação do proletariado.

Se por um lado é uma verdade histórica, confirmada inúmeras vezes, que os seres humanos não podem sofrer opressão por muito tempo sem se revoltarem e que qualquer sociedade que utiliza qualquer forma de opressão está condenada a ser destruída pela revolução, por outro lado o resultado de qualquer revolução não está definido com antecedência.

Desde 1871, aprendemos com a Comuna de Paris que uma revolução não sobrevive se não se generalizar no território e adquirir durabilidade no tempo. Também aprendemos que, por mais inimigas que sejam entre si, as frações nacionais das classes capitalistas não hesitarão em se unir para esmagar uma revolução proletária. O que significa que a Revolução Proletária somente triunfará se conseguir ser uma revolução mundial.

Desde 1905, aprendemos com a primeira Revolução Russa que nenhuma revolução se inicia por ordem de um pretense “partido revolucionário”. Pelo contrário. Toda revolução se inicia a partir da ação espontânea e consciente da classe proletária. Aprendemos ainda que a forma institucional do comunismo não é nenhuma forma de “Estado de transição” e sim um Sistema de Conselhos Proletários, o qual também nasce da autoatividade das massas proletárias e não de partidos.

Desde 1914, aprendemos com a Primeira Guerra Mundial que a social-democracia é uma corrente política capitalista, inimiga de morte da Revolução Proletária e da futura sociedade comunista. E mais, que os partidos políticos que institucionalizam essa corrente são em tudo opostos à luta pelo comunismo: estatistas e nacionalistas. Também aprendemos que a social-democracia expressa uma nova classe capitalista em ascensão: os gestores.

Desde 1917-23, com a revolução na Europa, aprendemos que a social-democracia gerou uma nova variante capitalista quando o Partido Bolchevique, até então um partido social-democrata, tomou o poder. Os bolcheviques souberam se aproveitar da iniciativa proletária e camponesa e se apossaram do Estado Russo dando início à hegemonia de uma nova classe capitalista. E se mantiveram no poder por meio do massacre implacável de todas as forças revolucionárias e contrarrevolucionárias.

Desde 1917-18, com o fracasso da revolução operária na Rússia, aprendemos que a revolução no sentido do comunismo não pode ter sucesso em regiões atrasadas e de baixa industrialização. Nestas últimas podem acontecer revoluções, mas terão outro caráter. Embora muitos indivíduos revolucionários sinceros continuem insistindo nisso, trata-se de uma experiência histórica confirmada repetidas vezes que as revoluções do chamado “Terceiro Mundo” não ultrapassam o antimperialismo, isto é, no máximo expulsam uma fração da classe dominante e a substituem por outra. Em resumo, o que importa aqui é ter claro que a revolução proletária somente pode ter sucesso primeiro nos países industrializados e deles se espalhar pelo mundo.

Desde 1918-23, com o fracasso da revolução alemã, aprendemos que o Sistema de Conselhos Proletários (SCP) pode ser corrompido por dentro pelos partidos políticos para se “suicidar” e devolver o poder ao Estado Capitalista. E que a passividade expressa nas formas representativas de fazer política, que delegam o poder a especialistas profissionais, leva à derrota completa e abre o caminho para a contraofensiva fascista.

Desde 1936-39, com a experiência da Guerra Civil Espanhola, aprendemos que as forças revolucionárias podem derrotar um exército nacional hostil, mas serão impiedosamente derrotadas se se aliarem às forças da

democracia e da esquerda do capital. Na Espanha, a revolução social foi esmagada antes da derrota da República. O exército nacionalista derrotou as forças republicanas, mas antes dele a polícia secreta stalinista e o Exército Republicano acabou a fogo e chumbo com as coletivizações na retaguarda, restabelecendo a propriedade privada, enquanto os revolucionários autênticos lutavam na frente de batalha contra o fascismo.

Desde 1953, 1956 e 1970, com as revoltas proletárias na antiga Alemanha Oriental, na Hungria e na Polônia, aprendemos que a revolução comunista é perfeitamente possível em países de capitalismo de Estado. Isso continua a valer para estruturas de classe como Cuba, Vietnam, China e Coreia do Norte.

Desde maio de 1968 na França, aprendemos que a revolução social continua possível nos países industrializados. E mais, aprendemos novas formas práticas de oportunismo das correntes políticas da Esquerda do Capital (social-democracia e bolchevismos).

### ATUAR NO PRESENTE EM COERÊNCIA COM O FUTURO

O objetivo de nossa existência é despertar o proletariado para lutar pelo comunismo. Uma sociedade caracterizada pela eliminação das classes sociais, do Estado e das separações que a existência das classes perpetua tais como: separação entre cidade e campo, trabalho muscular e trabalho intelectual, entre deliberação, gestão e execução, entre produção e controle do produto. A sociedade comunista, por estar orientada para a satisfação das necessidades sociais, pode ser definida como a sociedade que assegurará o máximo de tempo livre e abundância material para todas as pessoas em todo o planeta. O caminho para o comunismo é a autogestão dos produtores diretos organizados em um SCP. Esse objetivo e esses meios, determinam as ações de nossa organização que devem ser tão pré-figurativas quanto possível. Nossa organização não dirigirá a revolução, mas almeja participar dela e desde já se esforça em oferecer uma visão de futuro, de modo que a espontaneidade proletária possa evoluir para ações planejadas pela revolução social.

Embora estejamos dispostos a lutar pelo comunismo, nossa organização está muito distante de outras que se reivindicam desse campo. Rejeitamos uma linha de alta visibilidade, orientada para a mídia e ao sabor das opiniões políticas em “moda”, agindo como se o poder proletário fosse uma possibilidade imediata. Da mesma forma rejeitamos uma linha saudosista e conservadora que pretende apenas reviver os “bons tempos” de um movimento proletário de massas e refazer os Partidos Comunistas tal qual foram no passado.

A construção da militância da OPP está orientada para que a revolução seja um caminho consciente, resultado de um processo prático e teórico, que não se perca logo depois de triunfar. Sabemos que de nada adianta obter vitórias por meio de acasos favoráveis, golpes bem-sucedidos ou apenas tirar proveito das falhas dos exploradores. Mesmo que tudo isso tenha importância relativa, o determinante sempre será a autoatividade consciente dos explorados.

As habilidades organizacionais dos militantes da OPP estão a serviço da ligação de lutas dispersas, próximas e longínquas, para que adquiram durabilidade temporal e amplitude territorial.

Em regra, trabalhamos para fazer a crítica do capitalismo a partir das incontáveis situações locais, conectando sempre o particular ao geral, pois entendemos que assim o efeito de nossa exposição da realidade será maior do que se partirmos do geral para o particular.

Sempre que possível procuramos apresentar uma visão de como as coisas podem funcionar na sociedade comunista, para que as pessoas possam comparar em contraposição com as condições atuais. Nos serve ainda como um guia em nossas lutas diárias, para que não nos envolvamos no presente em nenhuma ação que possa ser contrária ao nosso objetivo futuro.

A OPP não é e nem pretende ser uma organização de massas, mas sim um agrupamento de militantes que busca manter a coerência entre teoria e prática. Não há espaço para membros passivos. Internamente, buscamos o consenso, mas não temos problemas em realizar votações para aferir minoria e maioria sobre um dado assunto. Uma vez aferida, a minoria cumpre a posição majoritária e pode reabrir a discussão depois de levada à prática. Nossa estrutura organizacional interna e externa é flexível para se adaptar a variados fatores - tais como situação conjuntural e quantitativo de militantes - Assim, nos esforçamos por refletir organizativamente o tipo de sociedade com a qual desejamos contribuir na construção.

### CONSTRUIR FORÇAS A PARTIR DOS LOCAIS DE TRABALHO, ESTUDO E MORADIA

Nossa ação deve estar voltada para discutir nossas ideias com nossos colegas de trabalho, estudo e moradia. Não se trata, à maneira dos religiosos, de pregar diariamente todo o nosso conjunto de concepções e teorias. Significa estar com a subjetividade militante atenta para, sempre que surgir uma oportunidade para falar de política/economia, por iniciativa deles, apresentar nossos pontos de vista.

Jamais ignorar colegas de trabalho por seus pontos de vista reacionários. Isto não significa colocá-los no centro das preocupações. Apenas devemos ser capazes de expor nossas ideias da maneira mais compreensível e da forma mais curta possível. Nosso objetivo com tal procedimento não é recrutar o colega reacionário, mas desacreditar a ideologia do capitalismo. Criar uma situação entre seus colegas de trabalho/estudo/moradia na qual as linhas dos discursos dos capitalistas fiquem desacreditados. Isto é suficiente até que surja uma situação revolucionária que possa encontrar um terreno fértil preparado por nosso trabalho.

Em relação aos colegas conservadores, é suficiente fazer com que não atuem em prol das ideias com as quais eles simpatizam ou defendem. Nosso trabalho deve ser de tal qualidade a deixá-los neutralizados na prática.

Quanto aos colegas progressistas, o trabalho do militante da OPP deve buscar organizá-lo nas instituições criadas especialmente para esse fim.

O trabalho das minorias revolucionárias sempre será confrontado com as dúvidas de nossos colegas se realmente o que fazemos será capaz de vencer os dominantes. Diante dessa dúvida legítima, convém lembrar que não foram poucas as vezes que, ao longo da história, em questões decisivas um número muito pequeno de pessoas estava certo contra o consenso de muitos. Um exemplo: Na França em 1940 um punhado de combatentes da Resistência tinha razão contra a resignação aos nazistas da grande maioria.

Nos propomos a impulsionar um conjunto de instituições auto-organizadas que auxiliem as lutas do proletariado e as divulguem, por isso consideramos decisiva a existência de uma imprensa regular, pois nossa capacidade de vencer as ideologias dos exploradores passa obrigatoriamente por expandir o alcance das nossas ideias e concepções para além da esfera de nossos contatos pessoais.

## NOSSA HERANÇA HISTÓRICA

As ideias, concepções, atividades e posicionamentos das organizações proletárias revolucionárias resultam das experiências passadas do proletariado internacional e também da introjeção do aprendizado dessas experiências ao longo da história por suas organizações políticas. Nesse sentido, desde que assimilado criticamente, a OPP considera seu o legado deixado pelas contribuições sucessivas da Liga dos Comunistas de Marx e Engels (1847-52), das três Internacionais - Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-72), Internacional Socialista (1884-1914) e Internacional Comunista (1919-20) - das frações de esquerda que se constituíram a partir de 1920 no interior da Terceira Internacional durante sua degeneração, da qual foram excluídas, em particular as Esquerdas Alemã e Holandesa.

Faz parte desse legado um conjunto de posições e concepções que permanecem atuais em razão das condições que as geraram não terem sido superadas:

- Fusão institucional entre o político e o econômico – fim da separação entre partido e sindicato;
- Superação do antagonismo entre centralismo e federalismo por uma centralização de baixo para cima na construção da nova sociedade;
- Superação da necessidade da existência de uma forma transitória de Estado entre o capitalismo e comunismo;
- Atuação antiparlamentar e antissindical;
- Adoção da greve de massas, também conhecida como greve selvagem, como meio de luta;
- Contra partidos de massas;
- Internacionalismo intransigente;
- Primazia da ação consciente em detrimento da política de lideranças;
- Recusa em apoiar a democracia burguesa no enfrentamento ao Fascismo;
- Recusa em caracterizar os movimentos nacionalistas de “libertação nacional” como revoluções proletárias;
- Defesa incansável da necessidade de uma “Revolução Proletária Mundial”;
- Identificação dos Conselhos Proletários como forma institucional que serve tanto para a luta contra o capital quanto para coordenar a sociedade comunista;
- Defesa de uma organização internacional de proletários com consciência comunista cujas funções seriam a de catalisador da consciência de classe e a de articulador de suas lutas autônomas;
- Rejeição de qualquer ditadura de partido sobre a classe proletária após a tomada do poder;
- Rejeição da ditadura do partido comunista sobre os Conselhos Proletários contra a concepção de que os últimos seriam meras correias de transmissão para o partido;
- Rejeição dos Conselhos Proletários com órgãos de colaboração com parlamentos e executivos governados pela Esquerda do capital;

Todas essas estão entre as posições que a OPP continua defendendo.

